

CERIMÓNIA DE ENTREGA DA MEDALHA DE 2023 DO PARLAMENTO DA GALIZA À COMUNIDADE DE TRABALHO GALIZA – NORTE DE PORTUGAL

Intervenção do Presidente da CCDR-NORTE

Santiago de Compostela, 04 de abril de 2023

- Presidente do Parlamento, Membros da Mesa e Deputados,
- Presidente da Xunta, Vice-Presidentes e Conselheiros,
- Vice-Presidente da Assembleia da República e Deputados Portugueses,
- Delegado do Governo en Galicia,
- Alcalde de Santiago de Compostela,
- Representante das Forzas Armadas en Galicia,
- Eurodeputados, Autarcas e demais Autoridades Políticas da Galiza e de Portugal,
- Cônsul honorário de Portugal na Coruña,
- Representantes de Instituições Académicas,
- Presidentes de Confederações empresariais da Galiza e de Portugal,
- Senhoras e Senhores,
- Amigas e Amigos,

É honrado, profundamente honrado, que tenho o enorme prazer de ser ator nesta celebração da relação entre dois povos, dois povos que são um e a que o Parlamento Galego quis conferir uma dignidade quase litúrgica.

Obrigado ao Parlamento de Galícia.

Obrigado ao Presidente Miguel Angel Santalices.

Estamos a celebrar todo um caminho, de momentos e percursos, de imaginários, sentires e sabores, mas também de desencontros, angústias e infortúnios.

São mais de 3.000 anos de história (quase sempre) conjunta, desde os Celtas de Santa Terga ou de Briteiros.

Também celebramos 30 anos da institucionalização desta cooperação, à luz da então Comunidade Europeia, e mais de uma década da criação do AECT da Euro-Região Galiza – Norte de Portugal, um dos primeiros da União Europeia.

Por isso, esta medalha é dos que tiveram a visão e a capacidade de avançar com esse processo.

(Sou, apenas, o oficial de turno que um alinhamento de astros colocou neste momento histórico).

Homens do Norte, como Luís Valente de Oliveira, Luís Braga da Cruz e Carlos Lage, que me dão o enorme prazer de estarem connosco.

Galegos, como Manuel Fraga e Emílio Tourinho.

Certamente que esta medalha também é de Alberto Nunes Feijó, com quem tive o prazer de trabalhar nestas funções, e de Alfonso Rueda, que partilha comigo o destino e a presidência da Euro-Região, e a quem agradeço toda a confiança.

Tudo terá começado em 1982 com uma reunião, aqui em Santiago, entre Luís Valente de Oliveira e Gerardo Fernández Albor, e foi consumado em 1991 com o Acordo Constitutivo da Comunidade de Trabalho G-NP, assinado entre a Xunta e a Comissão de Coordenação Regional por Manuel Fraga e Luís Braga da Cruz, com a finalidade de promover a cooperação entre as regiões através do desenvolvimento de projetos conjuntos no sentido de ultrapassar problemas comuns.

Em 2008, por acordo entre a Xunta e Comissão, agora na etapa de Carlos Lage e Emílio Touriño, foi criada a AECT Galiza Norte de Portugal, entidade com personalidade jurídica de atuação nos respetivos Estados, enquadrada pelo Regulamento 1082/2006 do Parlamento e do Conselho Europeus, dotando de capacidade operacional o esforço político dos responsáveis regionais.

De facto, esta medalha é de todos os que levaram esse processo a bom termo.

De todos os que atualmente gerem o seu quotidiano, que saúdo nas pessoas do seu Diretor Nuno Almeida e do Diretor Adjunto Xosé Lago, bem como nesse vulto incontornável da cooperação Galega, Jesus Gamalho.

Esta medalha também é das entidades territoriais entre o Norte e Galiza, entretanto criadas, nomeadamente os AECT Rio Minho, Chaves-Verin e Raia Seca / Gerês-Xurés (este último em constituição), e as restantes Eurocidades: Tui-Valença, Salvaterra-Monção e Cerveira-Tomiño.

Esta medalha é das pessoas da Galiza e do Norte que em organismos públicos, câmaras municipais e seus agrupamentos, universidades e centros de inovação, associações culturais e ambientais e empresas trabalham ou trabalharam no desenvolvimento de projetos conjuntos.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Estamos aqui, também (e sempre) pela história, nosso património coletivo.

História prodigiosa de celtas e castrejos, dos *Callaeci*, cujo porto deu o nome a Portugal.

Dos Romanos que fizeram de Braga e de Lugo os seus centros administrativos e culturais, numa Galécia que Lúcio Craveiro da Silva classificou como "*a latência de uma nação*", da Nação portuguesa.

CCDRINI

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte

Seguiu-se o reino Suevo (o Conselho de Cultura Galega acaba de editar uma carta do Bispo São Martinho do Dume ao rei Miro intitulada “Como levar uma vida honesta”, afigura-se como muito atual!).

Vieram os Visigodos e o seu primeiro Bispo, São Frutuoso, e a perda de centralidade do reino para capital em Toledo.

Tivemos a invasão árabe e a reconquista, da qual emergiu a monarquia galaico-leonesa, e Vimara Peres, que da Corunha foi reconquistar o Porto em 868.

Paralelamente e influenciando tudo isto, sempre, sempre Santiago. Imaginário, lenda ou fé, quase tudo moldou por estas paragens.

Em seu nome, mandou Diego Xelmires. Levou Compostela a centro da cristandade e lançou as iras para divisão da antiga Galécia

(Que magnífica série Netflix tudo isto daria!)

Raimundo e Henrique vieram da Borgonha combater com Afonso VI e casaram com Urraca e Teresa.

Teresa, a filha do rei que não era tão filha como a outra, consolidou e alargou o Condado que seu filho, Afonso Henriques, educado para ser Rei por nobres Galegos do Sul, de Riba d’Douro, autonomizou e expandiu.

A sorte das armas, em 24 de junho de 1128, em Guimarães, ditou a primeira tarde portuguesa, nas palavras de José Mattoso. A partir daí, seguimos caminhos diferentes, na pátria dividida de que fala Miguel Torga.

Mas continuamos os mesmos porque somos daqui, da brisa do Atlântico, das terras verdes, das neblinas...

O português, hoje falado em todo o mundo por mais de 400 milhões de pessoas, é uma evolução da língua que se falava nestes territórios, antes de Portugal.

Construíram-se fronteiras, fortalezas de um lado e outro do Minho, também no Lima, como no Lindoso, e na raia seca de Castro Laboreiro ou de Chaves. Fronteiras que o povo soube contornar ou minimizar ao longo dos tempos.

Uniu-nos Santiago e muitas histórias do mar e da terra.

Uniu-nos a doença e a fome que, nos séculos XIX e XX, levaram a intensa imigração de galegos, sobretudo para a Argentina, e de nortenhos para o Brasil. E, mais tarde, de ambos para a Europa.

Uniu-nos o pranto, o Pranto Matricial de Valentin Paz-Andrade, cujas Bágoas são as mesmas que salgam o Mar de Pessoa.

Uniu-nos uma admiração mútua, muito explicitada pelos intelectuais da Geração Nós, nomeadamente na correspondência entre Vicente Risco e o poeta Teixeira de Pascoais, que visitou na sua casa de Amarante.

Hoje, somos nós que admiramos a Galiza. Confesso que invejamos, com a inveja benigna de irmãos, o desenvolvimento que a sua autonomia permitiu. A escolaridade, a esperança de vida ou os níveis de rendimento são melhores na Galiza que no Norte.

Excelências, Senhoras e Senhores,

Ancorados em percursos históricos e culturais partilhados, estamos nesta cerimónia, sobretudo, pelo futuro.

Futuro que queremos, mais conjunto, ainda com mais cultura, ainda com mais turismo, com mais economia, com mais sustentabilidade... Com menos fronteira.

Recentemente, disse a um jornal galego que Lisboa e Madrid não percebem esta relação. De facto, não fazendo nada contra ela, normalizam-na no contexto das excelentes relações entre o Reino de Espanha e a República Portuguesa.

Mas a nossa relação não é excelente, é excecional é única!

- Mais de 15.000 trabalhadores transfronteiriços, destacados ou a cruzarem diariamente o Rio Minho;
- Cadeias de valor integradas do têxtil ao automóvel;
- Promoção turística articulada;
- Serviços de emergência médica e de proteção civil partilhados;
- Uma grande reserva da biosfera conjunta – o Gerês-Xurês;
- Intercâmbio de estudantes, professores e investigadores no programa Iacobus.

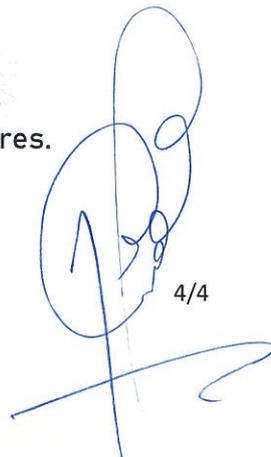
Devemos ir mais longe, sobretudo na economia:

- Nos corredores logísticos, nomeadamente na ferrovia de alta velocidade (para pessoas e mercadorias);
- No automóvel do futuro (sustentável e autónomo);
- Nas energias oceânicas (eólico *off-shore* e ondas);
- No aeroespacial;
- Na agricultura de precisão e no agroalimentar.

Em tudo isto continuaremos a trabalhar, com poderes públicos, empresas e centros de inovação.

Para o Norte, a Galiza é a "*Terra Irmã*" de que nos fala Ramon Villares.

A Galiza é a parceria de um futuro, assente num coração antigo.



4/4